

A primeira bibliografia médica do Rio de Janeiro (século XIX)

The first medical bibliography of Rio de Janeiro (19th century)

Amanda Peruchi | Universidade de São Paulo

amandaperuchi@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-7362-2252>

RESUMO Em tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aos 4 de dezembro de 1851, o então aluno Francisco Xavier da Veiga registrou a primeira sistematização de obras médicas e cirúrgicas, publicadas ou conhecidas, na cidade, após a instalação das escolas de medicina em 1832. Esse trabalho pioneiro ainda é pouco mencionado pela historiografia brasileira e a relação dos livros selecionados também não é muito explorada por aqueles que investigam os estudos médicos no Brasil do século XIX. Desse modo, o objetivo deste artigo é apresentar uma inédita transcrição integral desse singular inventário de Xavier da Veiga, precedida de uma breve introdução sobre o autor e sua obra.

Palavras-chave Francisco Xavier da Veiga (1831-1868) – ensino médico – história do Brasil – século XIX.

ABSTRACT *In a thesis presented to the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro, on December 4th, 1851, the then student Francisco Xavier da Veiga wrote the first systematization of medical and surgical works, published or known, in the city, after the foundation medical schools in 1832. This pioneering work is still little mentioned by Brazilian historiography and the list of selected books is also not much explored by those who investigate medical studies in Brazil in the 19th century. Therefore, the objective of this article is to present an unprecedented full transcription of this unique inventory by Xavier da Veiga, preceded by a brief introduction about the author and his work.*

Keywords *Francisco Xavier da Veiga (1831-1868) – medical education – history of Brazil – 19th century.*

Introdução¹

No dia 20 de dezembro de 1851, “em uma das salas da academia militar”, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na presença das Majestades Imperiais, d. Pedro II e d. Teresa Cristina, conferiu o grau de doutor em medicina a 33 alunos – nessa oportunidade nenhum dos alunos do último ano foram reprovados (Notícia, 1851, p. 80). Entre os novos doutores estava Francisco Xavier da Veiga, que, sob a presidência de Francisco Freire Alemão (1797-1857), lente de botânica e de princípios elementares de zoologia, teve a sua tese examinada, no dia 4 desse mês, por Lourenço de Assis Pereira da Cunha (1793-1867), lente de fisiologia; João José de Carvalho (1806-1867), lente de farmácia, matéria médica, especialmente brasileira, terapêutica e arte de formular; e Luiz da Cunha Feijó (1817-1882), lente de partos, e moléstias de mulheres peçadas e paridas, e de meninos recém-nascidos. Tais professores avaliaram a dissertação do futuro médico acerca de três pontos anteriormente tirados à sorte pela instituição.

Esse método de perguntas e respostas, vale pontuar, foi muito comum nas teses defendidas na Faculdade de Medicina a partir de 1850; na ocasião, o aluno Albino da Silva Maia foi quem inaugurou esse formato em 14 de dezembro. Considerando as três principais seções, ou áreas, da escola de medicina – ciências acessórias, ciências médicas e ciências cirúrgicas –, os professores indicavam algumas perguntas, os alunos as sorteavam e, em um prazo de 10 a 15 dias, entregavam as suas respostas. Tal processo, mais adiante, também foi adotado para os concursos de novos lentes dessa instituição.

Francisco Xavier da Veiga – um dos primeiros a escrever a tese de acordo com essa divisão –, respondeu, na seção das ciências acessórias, ao seguinte questionamento: “será possível nas plantas fanerógamas, em relação à sua nutrição, a ausência total de um dos dois aparelhos ou folhar ou radical? Que analogias podem eles ter entre si; qual o caráter distintivo de suas respectivas funções e qual a relação e dependência entre elas?” Já na seção das ciências cirúrgicas, o mineiro teve de indagar: “nas gangrenas, por excesso ou por falta de ação, as mesmas leis patológicas presidirão à sua formação e às diversas fases por que tais moléstias passam?” E, por último, na seção das ciências médicas, o futuro médico redigiu um “Ensaio da Bibliografia Médica do Rio de Janeiro posterior à criação da Escola de Medicina”, acompanhado de uma “Resenha das obras mais importantes de medicina ou cirurgia que se têm publicado nesta cidade ou têm sido dadas à luz em outras partes por médicos ou cirurgiões seus” (Veiga, 1851, p. 1, 7 e 13). Nesse terceiro ponto, como veremos a seguir, encontra-se a primeira sistematização dos livros médicos e cirúrgicos, publicados ou conhecidos, na cidade do Rio de Janeiro entre 1831 e 1851.

Uma vida dedicada à medicina clínica

Filho do carioca Bernardo Jacintho da Veiga e de Marianna de Paiva Veiga, Francisco Xavier da Veiga nasceu na cidade de Campanha, na província de Minas Gerais, em 1831, e foi o quarto de seis filhos do casal (Bernardo..., 1970, p. 410-411).² Aos catorze anos de idade, quando

-
- 1 Este artigo é fruto da pesquisa desenvolvida pela autora em estágio de pós-doutorado realizado junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo Fapesp 22/06767-0).
 - 2 Em sua maioria, como o leitor poderá conferir nesta introdução, as informações sobre a vida pessoal e

frequentava o Colégio de Instrução Elementar na corte, ele começou a mostrar uma vocação para os estudos. Em 1843, por exemplo, o mineiro prestou ao mesmo tempo os exames referentes ao quarto e ao quinto ano, e, respectivamente, foi “aprovado ótimo *cum laude*” no exame de língua latina, com as traduções de Tito Lívio, Ovídio, Virgílio, Horácio e Juvenal, e “aprovado plenamente *cum laude*” no exame de língua francesa, com as traduções de Telêmaco e das fábulas de La Fontaine (Publicação a pedido, 1843, p. 2).

Depois dos estudos elementares e preparatórios, e já órfão de pai, Francisco Xavier da Veiga ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1846. Ali, com apoio e arrimo do tio, João Pedro da Veiga, frequentou o curso médico e doutorou-se em 1851. Na dedicatória de sua tese, sobre a relação que estabeleceu com o tio nesse período, vê-se as seguintes palavras:

Senhor! Estando por um sagrado costume sancionado pelos anos, estabelecido neste dia, os Doutorandos memorarem em suas dedicatórias os nomes das pessoas a quem já pelos laços do sangue, já pelos da gratidão, já pelos da amizade, são eles mais estreitamente unidos, eu desconfiaria da minha razão se acaso olvidasse colocar o vosso nome aqui logo depois dos de meus pais: por todos os laços que acima aponto, sou-vos ligado; faltando-me meu pai em uma idade em que se tornava sua solitudine mais necessária, em vós achei tudo aquilo que a morte acabava de me roubar; deixando ele órfão uma numerosa família, deu-lhe Deus em vós a continuação dessa vida para nós tão cara. Cumprindo este dever sumamente grato, encho-me de prazer ao ver-vos inda cheio de vida dar esperanças de uma longa série de anos que serão como os passados, semeados de belas ações. Vosso sobrinho, Francisco (Veiga, 1851, s.p.).

João Pedro da Veiga, a propósito, foi o primogênito do português Francisco Luiz Saturnino da Veiga, vindo ao Brasil aos 17 anos de idade no final do século XVIII. Em sua terra natal, ele estudou geografia, história, matemática e latim com proficiência, chegando a conhecer perfeitamente essa língua. Depois de alguns meses no Brasil, Saturnino da Veiga sujeitou-se a um rigoroso exame e foi nomeado professor de latim numa freguesia do Rio de Janeiro. Porém, informado da falta de professores de línguas em Vila Rica, ele se transferiu para a província de Minas Gerais. Ali, não ficou por muito tempo, pois quando explodiu a Inconfidência Mineira (1789), retornou para o Rio (João Pedro... s.d, s.p.). Novamente estabelecido na cidade carioca, o português voltou a ministrar aulas de latim, e também abriu uma livraria, ou loja de papeis, onde comercializava títulos nacionais e estrangeiros e recebia assinaturas de diversos periódicos daquela época, a exemplo do *O Patriota: jornal litterario, politico, mercantil, do Rio de Janeiro* (1813-1814).³ Foi também por esse tempo que ele se casou com Francisca Xavier de Barros, com quem teve quatro filhos: o já mencionado João Pedro da Veiga, Evaristo Ferreira da Veiga, Bernardo Jacintho da Veiga e Lourenço Xavier da Veiga.

Todos eles, provavelmente por influência do pai, que sempre prezou por uma boa educação, tornaram-se nomes conhecidos no mundo das letras ou da política no Brasil, sobretudo durante as primeiras décadas do século XIX. Os dois mais velhos, por exemplo, também foram proprietários de livrarias na corte; mas não foi por meio do seu estabelecimento comercial que Evaristo Ferreira da Veiga ficou conhecido por seus contemporâneos. A fama veio pela redação

profissional do autor do *Ensaio da Bibliografia Médica do Rio de Janeiro* encontram-se dispersas em artigos de jornais do século XIX.

3 Conferir a primeira página de qualquer edição deste periódico.

do *Aurora Fluminense: jornal político e literário* (1827-1835), um polêmico periódico de tendência antilusitana e divulgador das ideias liberais para o futuro do jovem país (Molina, 2015, p. 293-305). Da sua pena ainda saíram: *O Homem e a América: jornal da sociedade Defensora da liberdade e independência nacional* (1832), *Hinos patrióticos, compostos por ocasião da Independência do Brasil* (1822) e uma série de discursos políticos. O jornalista, portanto, que também foi eleito deputado pela província de Minas Gerais de 1830 até a sua morte, em 1837, participou ativamente dos debates, político e letrado, em período imediatamente posterior à emancipação política do Brasil (Evaristo..., 1970, v. 2, p. 311-313).

Já Bernardo Jacintho da Veiga, o pai do autor do primeiro inventário da bibliografia médica do Rio de Janeiro, quando criança, teria estudado por si mesmo a língua latina e a francesa, geografia, história, filosofia, aritmética e álgebra. Domiciliando-se na cidade de Campanha na província de Minas Gerais, o futuro conselheiro do Imperador, a princípio, se estabeleceu como comerciante, mas logo exerceu diversos cargos de eleição popular: deputado provincial, delegado da instrução pública e, o mais importante deles, o de presidente desta província em duas oportunidades, de 21 de março de 1838 a 22 de agosto de 1840, e de outubro de 1842 a 23 de março de 1843 (Bernardo..., 1970, p. 410-411).

Em sua curta, porém, agitada vida, Bernardo Jacintho da Veiga também foi membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, diretor geral dos correios, oficial da Ordem da Rosa, redator do periódico *A Opinião Campanhense* (1832) e autor de diversos escritos sobre a administração da província de Minas Gerais; escritos esses que, segundo o visconde de Uruguai,⁴ eram a "mais fiel e minuciosa narrativa, a mais genuína e opulenta fonte de informações sobre os vários acontecimentos e os vários personagens da revolução de Minas de 1842" (Bernardo..., 1970, p. 410-411). Já o caçula dos irmãos, Lourenço Xavier da Veiga, também se estabeleceu em Campanha, e ali seguiu carreira na área da segurança pública, assumindo os cargos de secretário, delegado, coronel e tenente-coronel.

Apesar da intensa produção literária e do envolvimento com a vida pública de sua família, Francisco Xavier da Veiga – o neto do português erradicado no Brasil – não seguiu por esse caminho. Com exceção da sua tese, nenhum livro, periódico ou folheto foi escrito por ele, e tampouco chegou a ocupar cargos políticos. A sua vida, pois, foi inteiramente dedicada à prática da medicina. Aos 21 anos de idade, tão logo obteve o seu diploma, abriu um consultório na corte, na rua dos Barbons, n. 30, onde oferecia "o seu préstimo a quem o quiser honrar com a sua confiança" (Anuncios, 8 jan. 1852, p. 2). Um mês depois, mudou-se para a rua do Catete, n. 173, (Anuncios, 10 fev. 1852, p. 3), e três meses mais tarde já residia na rua da Costa, n. 73 A, 1º andar, "onde pod[ia] ser encontrado a qualquer hora" (Anuncios, 30 maio 1852, p. 4). No final de 1852, mudou-se para a rua do Príncipe dos Cajueiros, n. 152 B, (Anuncios, 24 dez. 1852, p. 3), de onde nunca mais saiu.

Além de tratar os doentes em seu consultório particular, o médico mineiro atendeu na enfermaria do Hospital de Nossa Senhora da Saúde. Essa foi a segunda enfermaria construída na corte (1853) pela Irmandade da Misericórdia, em cumprimento às exigências do governo imperial e pela necessidade de reforçar o combate à epidemia de febre amarela que assolou a cidade por esse tempo. Sob a direção do doutor Roberto Lallemant, que também era lente da escola de medicina, Xavier da Veiga começou a trabalhar na enfermaria desse hospital como

4 Paulino José Soares de Sousa (1807-1866).

médico ajudante em 1854. Dois anos mais tarde, ele tornou-se médico diretor da referida enfermaria, e ficou nesse cargo até falecer, em fevereiro 1868.⁵

Por diversas vezes, o doutor Xavier da Veiga foi caracterizado como um “ilustrado” profissional da medicina pelos homens de seu tempo (Duas palavras, fev. 1869, p. 330). A despeito disso, ele não conseguiu curar os seus dois únicos filhos: Eduardo e Alfredo, esse morto aos 11 anos com lesão no coração (1874), e aquele aos seis meses de idade por “derramamento pulmonar” (1865) (Noticiário, 31 jan. 1865, p. 2). Aos 38 anos, após 16 anos de clínica médica, o doutor mineiro morreu de febre tifoide, sendo sepultado no dia 20 de fevereiro de 1868 (Gazetilha, 24 fev. 1868, p. 1).

Como vimos, embora viesse de uma família de homens envolvidos com as letras e, portanto, tivesse a capacidade de escrever, Francisco Xavier da Veiga dedicou-se inteiramente a medicina clínica, e nada mais saiu da sua pena além da sua tese de doutorado. Coube a ele, no entanto, nesse seu único escrito, o registro do primeiro inventário da literatura médica existente no Rio de Janeiro, após a instalação das escolas de medicina, em 1832. É preciso registrar, a esse respeito, que uma outra tese de doutorado, a de Francisco José do Canto e Mello Castro Mascarenhas, apresentada em 21 de junho de 1852 e no mesmo modelo das três perguntas, também anotou uma relação das obras médicas e cirúrgicas.⁶ Tal lista, porém, ao contrário da relação do doutor mineiro, restringiu-se aos livros publicados antes do estabelecimento das escolas de medicina no Rio e na Bahia. Juntos, portanto, esses dois catálogos, ainda que provavelmente falhos, como alertam-nos os seus autores, oferecem um panorama das obras médicas e cirúrgicas existentes no Brasil até meados do século XIX, e inauguram as primeiras listas desse tipo feitas no país.⁷

O inventário do doutor Xavier da Veiga

No Brasil, catálogos e listas sobre a literatura médica produzida ou consumida pelos profissionais das áreas médicas, especialmente pelos alunos e professores das Faculdades de Medicina, demoraram a ser publicados. Com efeito, apenas em 1877, aproximadamente um quarto de século após os referidos trabalhos do doutor Xavier da Veiga e do doutor Canto e Mello, tornou-se pública, por iniciativa do bibliotecário doutor José Pinto de Sá, a primeira relação de obras de medicina, farmácia e cirurgia existentes na escola médica da corte. Além disso, outro catálogo dessa biblioteca só foi publicado em 1916, acrescentando as publicações adquiridas ou recebidas entre 1900 e 1915 (Fonseca, 1995, p. 126-127).

O *Ensaio da Bibliografia Médica do Rio de Janeiro posterior à criação da Escola de Medicina. Resenha das obras mais importantes de medicina ou cirurgia que se têm publicado nesta cidade ou têm sido dadas à luz em outras partes por médicos ou cirurgiões seus* é, portanto, um trabalho pioneiro sobre as obras de medicina conhecidas no Rio Janeiro, particularmente nas três últimas décadas da primeira metade do século XIX. Recordá-lo é fundamental não apenas pelo seu

5 Para esses dados, conferir: Almanak... (1854, p. 279; 1856, p. 332).

6 Uma edição inédita deste catálogo, com um texto introdutório sobre o autor e a obra, já foi realizada por nós e atualmente se encontra em análise com vistas à publicação.

7 Na historiografia brasileira, ao que pudermos observar, desde o célebre trabalho *História geral da medicina*, de Lycurgo Santos Filho (1977), que tantas informações nos oferecem acerca de obras dessa natureza, até ao *Guia de fontes para a história do ensino médico no Rio de Janeiro (1808-1907)*, de Maria Rachel Frões da Fonseca (1995), não encontramos menções ao ensaio bibliográfico de Xavier da Veiga contido em sua tese.

ineditismo, mas também porque ele nos oferece um panorama sobre a natureza dos trabalhos médicos produzidos nesse tempo; ou melhor, apresenta um quadro das principais preocupações daquela ainda incipiente medicina acadêmica. Como poderá ser notado, o estudo de Xavier da Veiga encontra-se dividido em duas partes: uma lista cronológica composta de trinta e sete títulos de medicina, publicados entre 1831 e 1851, e pequenos comentários sobre doze das obras catalogadas. A maior parte dos autores são nacionais, ainda que os livros de alguns estrangeiros radicados no Brasil, como os de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, Luiz Francisco Bonjean e Roberto Lallemand, também façam parte desse estudo.

Além disso, o doutor mineiro começou o seu trabalho com o *Semanário de Saúde Pública*, impresso de 1831 a 1833, e terminou com as *Observações acerca da epidemia da febre amarela do ano de 1850 no Rio de Janeiro, colhidas nos hospitais e policlínica pelo Dr. Roberto Lallemand*, de 1851. Tal recorte, aliás, coincide com o momento em que os profissionais envolvidos com as ciências médicas no Brasil, impulsionados pela criação das escolas de medicina, em 1832, começaram a defender com mais empenho a autoridade da medicina acadêmica – contando com o apoio de um novo conjunto de leis – em oposição às variadas e costumeiras práticas populares de barbeiros, curandeiros, feiticeiros etc. (Ferreira, 1999; Pimenta, 2004, p. 70-76). Um dos recursos utilizados por esses médicos diplomados foi justamente a publicação de periódicos científicos, sendo muitos deles produzidos pelas associações médicas – instituições que objetivavam apresentar e discutir as novidades da medicina, sempre evidenciando a importância dos conhecimentos ditos acadêmicos para um efetivo tratamento das doenças (Ferreira; Maio; Azevedo, 1997).

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, por exemplo, fundada em 1829, manteve o mencionado *Semanário de Saúde Pública* ao longo de três anos e, após ter sido renomeada Academia Imperial de Medicina, em 1835, promoveu a publicação dos seguintes periódicos até meados do século XIX: *Revista Médica Fluminense* (1835-1841), *Revista Médica Brasileira* (1841-1843), *Annaes de Medicina Brasiliense* (1846-1849) e *Annaes Brasilienses de Medicina* (1849-1851). Junto dessas publicações oficiais, foram igualmente importantes as publicações oriundas de iniciativas particulares, tais como o *Diário de Saúde* (1831-1835), redigido pelo médico francês José Francisco Xavier Sigaud em colaboração com os médicos brasileiros Francisco de Paula Cândido e Francisco Crispiniano Valdetaro, e o *Archivo Médico Brasileiro* (1844-1848), promovido pelo doutor carioca Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.

Todos esses periódicos estão presentes no inventário do doutor Francisco Xavier da Veiga e, em comum, eles objetivavam atingir não apenas outros profissionais envolvidos com as ciências médicas; os seus artigos tratavam de temas que também podiam interessar um público leigo, um público que, aliás, logo se deparou com epidemias e para quem os autores dos artigos passaram a se dirigir quase que diretamente (Ferreira, 1999). Na década de 1830, por exemplo, os moradores da província do Rio de Janeiro, sobretudo da corte e das cidades vizinhas, se viram assolados por uma epidemia de febres intermitentes – ou malária. Utilizando-se desse cenário, médicos diplomados e titulados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro escreveram ensaios, compêndios e artigos de jornais. No geral, tais anotações descreviam a doença, propunham tratamentos e, sempre que possível, enfatizavam a importância dos conhecimentos acadêmicos e os perigos dos saberes e das práticas populares (Freitas; Edler, 2022, p. 3414).

Enquanto a malária vitimou os cariocas na década de 1830, em meados do século XIX essa tarefa ficou à cargo da febre amarela. Os médicos, diante de mais uma epidemia, novamente

apontaram como ela poderia ser combatida e direcionaram os seus argumentos para a autoridade de seus conhecimentos. Aqui é importante ressaltar o envolvimento dos profissionais das ciências médicas na elaboração de medidas contra a epidemia de febre amarela, no aprimoramento das atividades curativas e, conseqüentemente, na higienização da urbe carioca, no âmbito da Junta Central de Higiene Pública, criada em 1850. Este órgão, formado por médicos e farmacêuticos diplomados, pautava-se no argumento que os conhecimentos da medicina institucional e acadêmica deveriam guiar a organização sanitária da sociedade brasileira, particularmente na província do Rio de Janeiro.

No Brasil, a partir da instalação da Impressão Régia, em 1808, muitos dos estudos médicos publicados relacionavam as doenças com o estado sanitário da cidade e apontavam medidas que poderiam ser implementadas a fim de higienizar o espaço público e diminuir o contágio das doenças (Freitas; Edler, 2022, p. 3410-3411).⁸ Assim, o catálogo de Xavier da Veiga exemplifica tal situação ao inventariar uma grande quantidade de obras médicas que abordaram a questão das doenças com a higienização do espaço público, isto é, que colocavam o estado sanitário das cidades como uma das razões para a propagação das doenças e destacavam o quanto medidas preventivas e pedagógicas eram necessárias para o bem da população.

Junto desses estudos e dos periódicos, o terceiro tipo de obras deste inventário é composto por dicionários de medicina e formulários de medicamentos com suas respectivas aplicações. Escritos dessa natureza, como os manuais de medicina popular do doutor Chernoviz, foram instrumentos de divulgação das práticas e saberes, aprovados pelas instituições médicas oficiais, para uma população que se encontrava nas regiões rurais do Brasil. Isso porque, embora as faculdades de medicina tenham sido criadas em 1832, o número de brasileiros formados e de estrangeiros habilitados ainda não era suficiente para atender a demanda, sobretudo em áreas mais distantes dos centros urbanos (Guimarães, 2005, p. 502). Desse modo, a partir da década de 1840, tais livros foram uma presença mais evidente do que os médicos que, em sua maioria, viviam em centros urbanos, e tornaram-se fundamentais para o tratamento das doenças dos moradores dessas localidades, sendo esses de diversas categorias sociais e profissionais. A propósito, o sucesso desses manuais pode ser observado pela quantidade de edições e exemplares impressos no decorrer do século XIX (Guimarães, 2005, p. 502-503).

Uma peculiaridade deste inventário é que nenhuma das teses médicas ou dos trabalhos finais de conclusão de curso dos alunos da Faculdade de Medicina, apresentados a partir de 1832, foram contemplados; tal carência não foi mencionada ou explicada pelo autor. Talvez, a razão pela qual essas teses foram excluídas pode estar ligada ao fato de que elas são trabalhos de conclusão de curso e, muitas vezes, não possuem a precisão teórica e metodológica encontrada em obras mais renomadas. A despeito disso, trata-se de um catálogo bastante completo, na medida do possível, das obras que eram conhecidas e estavam disponíveis aos alunos, professores e demais interessados e envolvidos com as três áreas da medicina no Brasil (clínica, cirúrgica e farmacêutica) na primeira metade do século XIX.

*

8 Dentre as primeiras publicações que utilizaram os fundamentos da climatologia para entender as particularidades climáticas da nova capital da coroa portuguesa estão as *Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro*, de Manoel Vieira da Silva, e a *Memória sobre o enxugo geral desta cidade do Rio de Janeiro*, de 1815, escrita pelo arquiteto José Joaquim de Santa Anna.

Com o intuito de contribuir com futuras investigações quase todas as obras do trabalho de Francisco Xavier da Veiga foram identificadas e referenciadas. Ademais, para facilitar a leitura, a segunda parte do estudo, que traz uma *Resenha das obras mais importantes de medicina ou cirurgia que se têm publicado nesta cidade ou têm sido dadas à luz em outras partes por médicos ou cirurgiões seus*, que segue o catálogo, passou por uma atualização gramatical e os trechos em francês foram traduzidos. Espera-se, pois, a partir da transcrição deste inventário, dar à luz uma bibliografia médica publicada, ou conhecida, no Rio de Janeiro que se encontra escondida – ou ao menos esquecida – no terceiro ponto da tese deste doutor mineiro apresentada no final de 1851.

Transcrição e edição modernizada do documento

Ensaio da bibliografia médica do Rio de Janeiro posterior à criação da Escola de Medicina. Resenha das obras mais importantes de Medicina ou Cirurgia que se têm publicado nesta cidade ou têm sido dadas à luz em outras partes por médicos ou cirurgiões seus.

(Veiga, 1851, p. 13-26)

Primeira parte

Este ponto, por sua natureza, deve ser dividido em duas partes; tendo de entrar na 1ª pedimos de antemão desculpa pela imperfeição com que é ela tratada, imperfeição motivada já pela nossa inaptidão, já pelas dificuldades com que em nosso país ainda é preciso lutar para fazer qualquer trabalho deste gênero.

1831

Semanário de saúde pública: pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de E. Seignot-Plancher, 1831-1833.

1833

Parecer sobre as medidas de higiene pública e privada contra a cólera-morbo pela Sociedade de Medicina. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1833. [folheto]

Tratamento das febres intermitentes pela Sociedade de Medicina. Rio de Janeiro: Tipografia de Lessa e Pereira, 1833. [folheto]

Lições de Química e Mineralogia por Frei Custódio Alves Serrão. Rio de Janeiro: Na Tipografia Nacional, 1833. [folheto]

1834

Ensaio sobre os perigos a que estão sujeitos os meninos quando não são amamentados por suas próprias mães. Apresentado na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro na Sessão de 18 de junho de 1834, por Emilio Joaquim da Silva Maia. Rio de Janeiro: Impresso na Tipografia de R. Ogier, 1834.

Manual do fazendeiro: ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros, generalizado as necessidades médicas de todas as classes. Por J. B. A. Imbert. Rio de Janeiro: Seignot Plancher, 1834. 2 t.

Viagens e observações de um brasileiro, que, desejando ser útil à sua pátria, se dedicou a estudar os usos e os costumes de seus patrícios, e os três reinos da natureza, em vários lugares e sertões do Brasil. Oferecidas à nação brasileira. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, 1834. 2 t.

Dicionário médico-prático para o uso dos que tratam da saúde pública, onde não há professores de medicina. Por João Lopes Cardoso Machado. Rio de Janeiro: [s.n.], 1834. 2 v.

1835

Medicina Popular pelo doutor Brierre de Boismont. Traduzido do francês. Rio de Janeiro: Tipografia de R. Ogier, 1835.

Medicina doméstica: ou indicação dos primeiros socorros que se devem aplicar nas moléstias e acidentes que subitamente ameaçam a vida. Pelo doutor Brièrre de Boismont, com adições e notas do doutor Troubat, revista por vários professores nacionais. Rio de Janeiro: Tipografia de R. Ogier, 1835.

Lição oral de clínica externa, feita pelo Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, lente de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos da Faculdade de Medicina desta corte, e publicada pelos alunos de clínica externa. Rio de Janeiro: Tipografia Patriótica de M. J. de Lafuente, 1835.

Discurso sobre as moléstias que mais afligem a classe pobre do Rio de Janeiro, lido na sessão pública da Sociedade de Medicina a 30 de junho de 1835, pelo seu presidente José Martins da Cruz Jobim. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense de Brito e Comp., 1835.

Diário de Saúde: ou Efemérides das ciências médicas e naturais do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de Seignot-Plancher, 1835-1836.⁹

Revista Médica Fluminense: jornal da Academia Imperial de Medicina. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense de Brito e Comp., 1835-1841.¹⁰

1836

Enumeração das substâncias brasileiras que podem promover a catarse. Memória coroada pela Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1836. Feito por A. L. P. da Silva Manso. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1836.

1837

Compêndio para o curso de química da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, por Joaquim Vicente Torres Homem. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1837.

1840

Resumo histórico das moléstias tratadas no Hospital da Marinha desta corte, desde que entrou em exercício, a 3 de março de 1834 até 31 de dezembro de 1839, pelo Dr. F. F. Pereira da Costa, empregado no mesmo hospital. Rio de Janeiro: [s.d.], 1840.

9 Informação adicionada pelo autor: "Periódico redigido pelos drs. Francisco de Paula Candido, José Francisco Sigaud e Francisco Crispinianno Valdetaro. Esta publicação terminou a 16 de abril de 1836".

10 Informação adicionada pelo autor: "Este periódico sucedeu ao *Semanário de Saúde Pública*, 1841 tomou o nome de *Revista Médica Brasileira*, e durou até maio de 1843. De novo reapareceu em 1846 com o título de *Annaes de Medicina Brasiliense*, em 1849 tomou o nome de *Annaes Brasilienses de Medicina*, e com este título ainda persiste hoje".

1841

Manual das moléstias dos olhos, dividido em três partes: anatomia, física dos olhos e moléstias dos mesmos olhos, distribuídas e ordenadas por suas classes e descrevendo o curativo que compete a cada uma, tanto para uso interno como externo. E, enfim, um aditamento contendo noções gerais da anatomia física dos olhos. Oferecido à Sociedade Litteraria, por seu sócio João Antônio de Azevedo. Rio de Janeiro: Tipografia Austral, 1841. 1 v.

1842

Dicionário de medicina popular: ou medicina ao alcance de todas as classes da sociedade, pelo Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. Rio de Janeiro: [s.n.], 1842-1843. 3 v.¹¹

Discurso pronunciado por ocasião da abertura da aula de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelho. Pelo doutor Cândido Borges Monteiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1842.

1843

Manual de percussão e escutação aplicadas ao estudo das moléstias do pulmão e coração, pelo Dr. Antônio Cândido Nascentes de Azambuja. Rio de Janeiro: [s.n.], 1843.

Memória sobre a febre escarlatina, por I. R. de Mattos. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1843.

1844

Arquivo Médico Brasileiro: gazeta mensal de medicina, cirurgia, e ciências acessórias. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial, de F. de P. Brito, 1844-1848.¹²

1845

Memória sobre o estado atual das instituições médicas em França, na Prússia e na Grã-Bretanha. Rio de Janeiro: Na Tipografia Nacional, 1845.

Novo Formulário Geral: ou coleção das melhores e mais usadas fórmulas dos diversos formulários das farmácias nacionais e estrangeiras, precedido de um índice francês e português das substâncias medicinais simples, e seguido de um memorial terapêutico e um resumo terapêutico de envenenamento, por J. P. Reis. Terceira edição enriquecida com um apêndice, contendo as mais modernas fórmulas de Bouchardat. Rio de Janeiro: [s.n.], 1845.

Memória acerca da ligadura da artéria aorta abdominal, precedida de algumas considerações gerais sobre a operação do aneurisma e seguida de uma estampa litografada, que representam

11 Informação adicionada pelo autor: "Desta obra já há uma 2ª edição publicada em 3 volumes com estampas".

12 Informação adicionada pelo autor: "Diretor e 1º redator o Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. Terminou esta publicação em setembro de 1848".

um novo porta-fio e sua posição durante a operação. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1845.

1846

Formulário, ou guia médica, que contém a descrição de todos os medicamentos, suas propriedades, os casos em que se empregam, suas doses segundo as idades sexos etc.; as substâncias incompatíveis com eles; a indicação das plantas medicinais indígenas e das águas minerais do Brasil; a arte de formular; a escolha das melhores fórmulas e das mais frequentemente [...]. Pelo doutor P. L. N. Chernoviz. Rio de Janeiro: [s.n.], 1846. 2. ed.

1847

Passatempo escolástico, no qual procura-se dar, em dois discursos, uma ideia exata do que deve ser o verdadeiro médico; trata-se de um caso julgado de ferimentos mortais e refere-se à legislação do Brasil relativa ao exercício da medicina e da farmácia, pelo Dr. José Martins da Cruz Jobim. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de F. de Paula Brito, 1847.

O médico e o cirurgião da roça: novo tratado completo de medicina e cirurgia doméstica, adaptado à inteligência de todas as classes do povo por L. F. Bonjean. Rio de Janeiro: Em Casa de Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v.

Nova forma de apreciar os ferimentos do peito com ofensa duvidosa das entranhas. *Gazeta dos Tribunais: dos juízos e fatos judiciais do foro e da jurisprudência.* Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, n. 363, p. 4, 27 de out. 1846; n. 364, p. 4, 30 de out. 1846; n. 370, p. 3-4, 20 de nov. 1846; n. 371, p. 4, 24 de nov. 1846; n. 373, p. 4, 1º de dez. 1846; n. 374, p. 2-4, 4 de dez. 1846; n. 375, p. 3-4, 11 de dez. 1846; n. 376, p. 3, 15 de dez. 1846; n. 377, p. 3-4, 18 de dez. 1846; n. 378, p. 3, 22 de dez. 1846; n. 379, p. 7, 29 de dez. 1846.

1848

Arte nova de conservar a vista em bom estado até a extrema velhice e de a restabelecer e vigorar quando se enfraquece: conselhos às pessoas que têm os olhos fracos e demasiado sensíveis, seguidos de novas considerações sobre a causa da miopia ou vista curta. Pelo doutor J. H. R. Parise. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

1849

Guia dos dentes são, sua estrutura, moléstias e tratamento, desde a infância até a velhice, por Clinton Van Tuyl. Rio de Janeiro: Em Casa de Eduardo e Henrique Laemmert, 1849. 1 v.

1850

Algumas palavras sobre a vacina, pelo Dr. Antônio José Rodrigues Capistrano. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense de F. M. Ferreira, 1850.

Memoria sobre a febre amarela do Rio de Janeiro, pelo Dr. José Maria de Noronha Feital. Rio de Janeiro: Tipografia do Brasil de J. J. da Rocha, 1850.

Gazeta dos Hospitais: repertório médico brasileiro. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes, 1850-1852.¹³

1851

História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por José Pereira Rego. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1851.

Observações acerca da epidemia da febre amarela do ano de 1850 no Rio de Janeiro, colhidas nos hospitais e policlínica pelo Dr. Roberto Lallemant. Rio de Janeiro: [s.n.], 1851.

Segunda parte

1. História e descrição da febre amarela epidêmica, pelo Ilm.º Sr. Dr. José Pereira Rego.

Lemos este escrito e a ideia que dele formamos é a seguinte:

Julgamos que seu autor não podia adotar melhor método para tratar semelhante objeto; ele segue a epidemia desde os primeiros casos observados até a sua quase desaparecimento, já em massa, já no indivíduo atacado, não o abandonando sem que observe os vestígios por ela deixados no cadáver. Em todas as partes da sua obra é ele bastante minucioso nas razões em que se funda, para avançar tal ou tal ideia, e se em algum ponto não levar a convicção ao espírito do leitor, ao menos terá para isso feito quanto nos é dado, sem ferir suscetibilidades alheias, o que mui louvável é em uma época em que muita gente julga que o defender-se consiste em ofender o seu adversário. Por essa obra pode-se perfeitamente estudar todo o ocorrido nesta cidade a respeito da febre amarela; mostra ademais o Sr. Dr. Rego estar perfeitamente ao fato da ciência a tal respeito, o que realça muito o valor de sua obra. Julgamos, portanto, em nosso fraco entendimento, ser tal livro digno da aceitação que nos consta tem tido.

2 e 3. Do Ilm.º Sr. Dr. Chernoviz conhecemos duas obras: a sua *Medicina Popular* e o seu *Formulário*. Conquanto reconheçamos nessas obras que se dirigem principalmente às pessoas alheias à arte, alguns inconvenientes, quais os de aumentar a disposição que em grande parte, por culpa dos mesmos médicos, já existe inveterada no espírito de tais pessoas, e os menosprezarem e a terem-se por entendidos na matéria, uma vez que leram uma ou outra obra, da qual é lhes impossível muita coisa aproveitar, por falta de conhecimentos prévios, e o de ficarem com ideias falsas sobre inúmeros pontos, contudo, encontramos na *Medicina Popular* do Sr. Dr. Chernoviz, verdadeira utilidade em guiar o povo em casos que não admitem a demora de chamar-se o médico, e também pelo estado particular do nosso país, onde ainda raras são em certos pontos as pessoas a que possa esse povo recorrer. Além disso, cientificamente considerando esse escrito, que por vezes temos consultado, depreendemos de sua leitura muita inteligência em seu autor e muito desejo de ser útil ao povo brasileiro. Desta obra já deu o autor uma segunda edição muito aumentada, cuja leitura recomendamos aos nossos patrícios.

13 Informação adicionada pelo autor: "O redator é o Dr. Carlos Luiz de Saules".

Quanto ao seu *Formulário* diremos que de muito valor é semelhante obra; não só é de tanta monta (considerado em geral) o objeto de que ela trata, como aí vêm muito bem desenvolvidas as relações entre os nossos pesos e os do sistema francês moderno (cuja introdução em nosso país, de passagem, diremos, seria de imensa utilidade); também o autor nessa pequena obra apresenta um resumo sobre qual o tratamento exigido por esta ou aquela moléstia. Achamos nessa obra o uso de muitas plantas medicinais nossas, embrião de uma matéria médica brasileira, e as águas minerais no nosso país tão úteis para a terapêutica. Merece, portanto, tal obra nossos elogios.

4. Acabamos de ler o opúsculo sobre a febre amarela do ano de 1850, no Rio de Janeiro, pelo Ilm.º Sr. Dr. Roberto Lallemant. Muito recomendável se torna este livro pela importância da matéria de que trata, e, mais que tudo, pelo crédito que deve merecer no mundo médico a história de uma epidemia em cuja debelação o autor, o Sr. Dr. Lallemant, fez tão conspícua figura, e cuja gravidade tão bem esteve ele em estado de apreciar, por isso que esteve à frente de um estabelecimento para onde se recolhia a gente marítima, indivíduos indigitados pelas suas circunstâncias para apresentarem a febre com todo o seu cortejo de sintomas ameaçadores. A parte em que é tratada a questão de ser ela ou não contagiosa, sobressai pela convicção e estilo nervoso que o autor aí manifesta, decidindo-se pelo não contágio, firmado em razões a nosso ver mui fortes. Se nós pela sua reputação não conhecêssemos já de anos o Dr. Lallemant, bastaria a leitura deste escrito para nos convencer do quanto ele é ativo observador. Na sua obra, formigam observações individuais, reforçando as reflexões que sobre este ou aquele caráter apresentado pela febre faz o autor; o seu estilo é o mais poético que admite tal assunto, e julgamos que quem já leu o escrito do Sr. Dr. Rego, deve completar sua instrução a respeito da epidemia que acaba de assolar esta bela cidade, pela leitura do opúsculo de que tratamos.
5. Manual de percussão e escutação aplicados ao estudo das moléstias do pulmão e coração, pelo Ilm.º Sr. Dr. Antônio Candido Nascentes de Azambuja.

Não é preciso que elevemos a nossa fraca voz para que os médicos avaliem a importância do objeto deste *Manual*, porquanto não é possível haver homem algum da arte que seja capaz de, por um instante, vacilar no juízo a fazer sobre os serviços prestados à medicina por estes dois meios de observação. Oxalá que para todas as moléstias existissem iguais meios de estabelecer sobre bases firmes, com um rigor quase matemático, o diagnóstico, este primeiro passo que deve o médico dar na sua nobre empresa de socorrer a humanidade! Muito feliz, pois, foi o Sr. Dr. Azambuja na escolha do objeto sobre que desenvolvesse os talentos que sabemos lhe foram pela natureza doados. A leitura deste *Manual* muito nos agradou: a ordem que nele reina é boa; aí achamos a história da descoberta desses meios de diagnóstico; aí vem comparados, e muito bem, os diversos processos desses métodos, e, com muito critério, combate o autor a tendência que, em geral, têm os autores das descobertas a generalizarem a sua aplicação. Os quadros sinópticos que terminam o *Manual* são de uma utilidade prática evidente: obras em que extensamente venham tratados esses objetos há muitas, mas tábuas em que concisa e satisfatoriamente sejam eles estudados, não conhecemos; concluímos, portanto, tecendo-lhe devidos encômios.

6. Acabamos de ler a *Memória* acerca da ligadura da artéria aorta abdominal, pelo Ilm.º Sr. Dr. Cândido Borges Monteiro. Se a nossa tarefa nos é de mui difícil execução, quando temos de apresentar uma resenha de obrar de médicos ou cirurgiões em que se não dá a qualidade de serem lentes da escola em que cursamos os bancos, quanto mais difícil se torna ela quando nosso juízo tem de ser patenteado a respeito de escritos de homens que sumamente respeitamos, de homens a quem ouvimos e sempre ouviremos com profunda atenção! A leitura deste escrito do Sr. Dr. Borges Monteiro veio-nos capacitar ainda mais da alta lógica, da grande força de raciocínio de que é ele dotado; um objeto de tanta monta, uma questão de tanta transcendência como esta da ligadura da aorta abdominal, era por, sem dúvida, assaz digna de ocupar tão insigne cirurgião. Forma sua base a observação de um indivíduo em que pelo autor foi feita esta ligadura; terminou por autopsia essa observação, mas o doente durou do dia 5 de agosto de 1842 até o dia 16 do mesmo mês; as pulsações reapareceram no tumor depois de ligada a aorta, conquanto a autópsia mostrasse estar a circulação na artéria completamente impedida no ponto ligado; partindo daí, o autor analisa as três seguintes questões:

1º A ligadura da aorta será compatível com a vida?

2º Deveria esta operação ter sido praticada no doente de que se trata?

3º Qual é o processo por que devia ela ser praticada?

Apesar de que na 1ª parte alguma coisa haja com que não podemos concordar, contudo, não sendo de nosso intuito dar uma ideia completa de tal escrito, concluímos dizendo que o autor mostra estar bem compenetrado do verdadeiro caráter do cirurgião, que deve ser muito circunspecto quando se trata de nada menos que da exclusão de um meio que circunstâncias se apresentaram em que possa ser aproveitável.

7. Discurso sobre as moléstias que mais afligem a classe pobre do Rio de Janeiro, lido a 30 de junho de 1835 pelo Exm.º Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim.

O objeto de que se ocupa este escrito já por si só abona a sua importância. Nele, o digno autor, depois de tratar da topografia desta cidade, e de aí mencionar diversas causas de insalubridade, já ligadas ao terreno, já à negligência dos cuidados higiênicos, tão menosprezados então entre nós, passa uma revista sobre as diversas afecções que nos atormentam, revista rápida, porém, profunda, cuja leitura para nós foi de muito proveito, e termina estendendo-se algum tanto mais sobre a nossa opilação, por ele denominada hipoemia intertropical. Não são ao autor necessárias nossas instigações a fim de que ele prossiga na empresa de ser útil à medicina, particularmente do nosso país, e terminando congratulamo-nos com ele pelos melhoramentos que a respeito da higiene vão aparecendo diariamente entre nós, dando-nos mui fundadas esperanças de um venturoso porvir.

8. Eis-nos chegados a falar de uma obra das mais importantes que se têm publicado nesta cidade, obra que deve ser meditada profundamente por todo o médico verdadeiramente amante da sua arte e do seu país; queremos falar da *Memória sobre o estado atual das Instituições médicas de França, Prússia e Grã-Bretanha*, pelo Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano. Acabamos de lê-la com muita atenção e, profundamente impressionados pela eloquência e patriotismo que presidiram à fatura de tal obra, muito duvidamos que o que sobre ela vamos dizer não seja extremamente indigno de tal

assunto. Essa *Memória* compõe-se de quatro partes: na 1ª o autor trata da organização do ensino médico na França e da administração dos hospitais de Paris; na 2ª trata desses mesmos objetos na Grã-Bretanha, e dá algumas noções sobre o estado da medicina na Prússia; na 3ª trata das sociedades médicas da França e Grã-Bretanha; na 4ª faz uma comparação, debaixo do sentido médico, entre estes dois últimos países, e também fala resumidamente sobre a nossa medicina. Não entraremos na apreciação dos motivos que presidiram a ordem para regressar, intimada ao autor, quando ainda ele alimentava desejos de se tornar mais útil, porquanto isso nos levaria muito fora do rumo que pretendemos seguir, e é mesmo questão em que por nosso gosto de maneira nenhuma jamais entraríamos. Dizer de quanta importância é para um país como o nosso, ainda em sua infância, ser ilustrado sobre o estado dos outros mais adiantados, e ser ilustrado de maneira a ficar ao fato do como nesses outros lugares o adiantamento chegou ao ponto em que se acha, é escusado; portanto, não nos devemos cansar em mostrar a utilidade das três primeiras partes e do primeiro objeto da última. Somente diremos que observar tais cousas e apresentar tão boas considerações a respeito, como o faz o autor, é mais que suficiente para ser seu nome colocado entre os dos verdadeiros patriotas, uma vez que tudo isso era somente feito a fim de poder aplicar devidamente ao Brasil, como ele resumidamente o faz na última parte. Na verdade, entre nós há urgente necessidade de reforma em todos os ramos da instrução pública; e qual o ramo que mais consideração deve merecer ao legislador que a arte de curar? O Dr. Marinho aprecia devidamente o alto estado de adiantamento científico da Europa, sobretudo da França, país que tantas simpatias nos deve merecer; ao mesmo tempo, cabalmente, mostra os elementos de desordem existentes na medicina inglesa, de onde resultou a reclamação por uma reforma a tal respeito; em tudo mostra-se profundo observador; mas, sem dúvida, levado pelo excesso de seu zelo, colocando a Europa talvez um pouco acima do lugar que lhe compete, deprime demasiado o Brasil. Amantes da nossa pátria, e sobretudo da verdade, releva que digamos que não estamos convencidos da realidade em todo o seu rigor do triste estado da instrução com que os alunos das escolas de medicina do Império recebem o grau do doutorado; parece-nos injusto que o Dr. Marinho diga que a maior parte dos jovens que se formam nesta escola saiam sem saber em que zona vivem, como expressamente se diz na *Memória* de que tratamos; igualmente não acreditamos que entre nós se barateie tanto o elevado título de literato que seja ele dado a pessoas que nem sabem o que é um termômetro. Ou estamos muito enganados, ou o Dr. Marinho, quando fala do seu país, aflito pelo estado de atraso em que o vê, penetra nos domínios da injustiça, e assim incorre na pecha de ainda aumentar a disposição para nos deprimir que se nota em escritores estrangeiros menos amantes da equidade.

Sendo este objeto de suma importância, seja-nos lícito fazer uma ligeira digressão.

Lemos no folhetim do n. 41 da *Gazeta Médica de Paris* do ano de 1849 uma carta do Sr. Dr. Lucien Papillaud¹⁴ sobre o estado da medicina no Brasil, em resposta a refutação do Dr. D. D.¹⁵

14 Médico francês, Pierre Henri Lucien Papillaud chegou à cidade do Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa, em 3 de março de 1844. Para além da sua atuação clínica, o francês também escreveu artigos para jornais periódicos, sejam nacionais ou estrangeiros, e publicou livros de medicina. Foi correspondente assíduo de periódicos científicos impressos na França, tal como a *Gazette Médicale de Paris*.

15 Papillaud, Lucien. Lettre sur l'état de la médecine au Brésil, en réponse a la réfutation du docteur D. D. *Gazette*

Seja-nos permitido que citeamos aqui alguns trechos dessa carta, a respeito dos quais depois faremos algumas reflexões.

M. D. D. alega que o que disse não pode ser aplicado à *roça*; mas, M. D. D. não deveria ignorar que no seu país não existem remédios nem médicos na *roça*. (Eu estou enganado: há a medicina do Le Roy, livro e remédio).¹⁶

Falando da arte de partos, ele diz:

mas, fora das Faculdades, é de conhecimento público que em geral os médicos brasileiros desconhecem completamente a arte de parir. É, aliás, uma tradição bem conhecida da pátria mãe. No Brasil, parece que um médico se rebaixa ao dedicar-se à obstetrícia. A ignorância das parteiras e suas práticas ridículas só podem inspirar desprezo, e parece que uma parte desse desprezo recai sobre a arte, que é desfigurada entre suas mãos. Além disso, esse preconceito que afasta os médicos brasileiros da prática do parto se estende às doenças do útero, com as quais eles também não querem se ocupar.¹⁷

Pouco adiante ele diz: “Que as parteiras brasileiras (que geralmente são donas de casa, e muito raramente as negras) estão desprovidas dos conhecimentos necessários à sua profissão”.¹⁸ Adiante ele diz: “Aqueles fazendeiros que têm um grande número de escravos, às vezes têm um médico em sua casa”.¹⁹ Abaixo diz: “Nesse momento, a jovem medicina brasileira segue os passos da medicina francesa: ela está ávida de progresso e de ciência”.²⁰

Algumas linhas abaixo:

Um outro fato incontestável é que, na relação das ideias, o homem se submete em certo grau à influência do meio em que vive. A medicina não é uma exceção: o estudante chega às faculdades com os preconceitos do teto paterno. Ele deixa essa bagagem na porta, quero acreditar; mas uma vez de volta à vida cotidiana, em contato com o público, ele se acostuma, se não a respeitar, pelo menos a lidar com vulgares preconceitos, ideias banais, erros tradicionais etc.²¹

Médicale de Paris. Paris: Bureau de la *Gazette Médicale*, n. 41, p. 792-801, 13 out. 1849.

- 16 Original em francês: “M. D. D. prétend que ce que j’ai dit ne peut s’appliquer qu’à la campagne; mais M. D. D. ne devrait pas ignorer que dans son pays, il n’y a dans la *roça* ni médecine ni médecins. (Je me trompe, il y a la médecine de Le Roy, livre et remède)”.
- 17 Original em francês: “mais, hors des Facultés, il est de notoriété publique qu’en général les médecins brésiliens sont complètement étrangers à l’art des accouchements. C’est, du reste, une tradition bien connue de la mère patrie. Au Brésil, il semble qu’un médecin s’abaisse en s’adonnant à l’obstétrique. L’ignorance des accoucheuses et leurs pratiques ridicules ne pouvant inspirer que du mépris, il semble qu’une partie de ce mépris retombe sur l’art, qui est défigurée entre leurs mains. Du reste, ce préjugé qui éloigne les médecins brésiliens de la pratique des accouchements s’étend aux maladies de l’utérus, dont ils dédaignent aussi de s’occuper”.
- 18 Original em francês: “Que les sages-femmes brésiliennes (qui sont ordinairement des maîtresses et plus rarement des négresses), sont dépourvues des connaissances nécessaires à leur profession”.
- 19 Original em francês: “Ceux des *fazendeiros* qui ont un immense personnel en esclaves ont quelquefois un médecin attaché à leur Maison”.
- 20 Original em francês: “A présent la jeune médecine brésilienne suit les traces de la médecine française: elle est avide de progrès et de science”.
- 21 Original em francês: “Un autre fait incontestable, c’est que, sur le rapport des idées, l’homme submit à un

Essa carta é digna de ser lida; seu autor parece ter muito bem observado o estado da medicina no Brasil, apesar do que não deixa de, em meio de grandes verdades, avançar coisas que não podemos deixar passar; não há na roça nem medicina nem médicos! Entretanto, alguns fazendeiros que cremos moram na roça, não consultam médicos quando lhes é isso de todo indispensável; não têm um médico encarregado de tratar dos seus doentes!

Que significa o parêntesis a respeito das parteiras no Brasil? Achamos tal modo de argumentar impróprio de um médico, de um homem que por sua natureza deve ser completamente despido de prejuízos, para quem não devem existir essas barreiras que em outros tempos menos civilizados empeciam a muita gente de ocupar o lugar que lhes competia.

A jovem medicina brasileira segue os vestígios da medicina francesa; ela é ávida de progressos e de ciência; entretanto, por um juízo são afastados os médicos brasileiros da prática dos partos, e até das moléstias do útero! Só porque as parteiras são ignorantes e sua prática ridícula! Na verdade, achamos difícil conciliar tais coisas.

O Dr. Papillaud pensa que o médico, nas relações constantes em que se acha por sua profissão, deve ser censurado porque respeita ou pelo menos contemporiza com os prejuízos vulgares, os erros tradicionais etc. Até agora, nós julgávamos que era uma qualidade digna de louvor em um médico ter em alguma consideração tais objetos, mesmo para poder preencher sua alta missão, e com o tempo poder desarraigá-los semelhantes prejuízos.

Concluindo, sentimos que o Sr. Dr. Papillaud se deixasse levar demasiado por essa disposição de que acima nos queixamos, e que isso viesse roubar muito ao mérito real de suas ideias.

9. *O médico e o cirurgião da roça. Novo tratado completo de medicina e cirurgia doméstica, adaptado à inteligência de todas as classes do povo*, pelo Ilm.º Sr. Dr. Luiz Francisco Bonjean.

Conquanto não tenhamos tido vagar suficiente para ler este escrito em sua totalidade, julgamos poder sobre ele escrever, que de maneira nenhuma levamos a bem tais publicações: elas não satisfazem os fins que parecem ter em vista; o médico e o cirurgião da roça não devem diferir dos da cidade, a saúde do habitante dos campos deve em toda a parte merecer muita atenção, e muito mais entre nós, cujas riquezas em grande parte consistem em produtos da agricultura. Estamos persuadidos que não é por meio de obras tais, que se é útil ao povo; antes, nos parece que ele perde com isso, e muito, como a nossa razão e pouca experiência bem nos mostram. Assim, embora reconheçamos a inteligência do Sr. Dr. Bonjean e a boa vontade de que ele se achava penetrado ao dar à luz esta produção de suas lucubrações, não podemos deixar de sustentar que ele errou o alvo que tinha em vista.

10. *Compêndio para o curso de química da Escola de Medicina do Rio de Janeiro*, pelo Ilm.º Sr. Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.

Que diremos nós desta obra pela qual estudamos, pela qual ainda hoje continuam os alunos a estudar com aproveitamento manifesto? A ciência da química tem feito tais progressos, acha-se já tão vasta, que mister se faz a quem a queira estudar

certain degré l'influence du milieu dans lequel il vit. Le médecin ne fait pas exception: élève, il arrive aux facultés avec les préjugés du toit paternel. Il laisse ce bagage à la porte, je veux le croire; mais une fois rentré dans la vie ordinaire, en contact avec le public, il s'accoutume, sinon à respecter, du moins à ménager les préjugés vulgaires, les idées banales, les erreurs traditionnelles, etc."

minuciosamente gastar nisso sua vida; tal dispêndio de tempo é possível a quem, cursando os variados e numerosos ramos dos estudos médicos, tem de no fim de seis anos encarregar-se da saúde dos povos? Impossível. Não é preciso, portanto, juntarmos razões nossas, para reforçar a favorável ideia que de tal obra se faz, servindo para alguém mais difícil de contentar-se as razões alegadas por seu autor, no prólogo que a acompanha.

11. Temos guardado para último lugar o que tínhamos a dizer com relação às publicações periódicas.

Entre elas ocupa alto lugar o *Arquivo Médico Brasileiro*, cuja publicação cessou em setembro de 1848, não porque o seu diretor e primeiro redator, o Ilm.º Sr. Dr. Lapa, se achasse sem coragem para continuá-la, mas sim por falta de meios, este mal que tantas vezes vem bater à porta da inteligência e fazê-la parar subitamente, em meio de seus nobres sonhos de glória e felicidade.

Atualmente, dois periódicos médicos publicam-se nesta corte e são:

1. Os *Annaes de Medicina*, redigidos pelo Ilm.º Sr. Dr. José Pereira Rego, homem bem conhecido por seus variados e sábios escritos.

2. A *Gazeta dos Hospitais*, periódico cuja existência data do ano passado, redigido pelo Ilm.º Sr. Dr. Carlos Luiz de Saules.

Ambos estes periódicos vão passando calmos e recolhidos por entre o bulício das numerosas publicações que objetos quiçá de muito menos monta quotidianamente fazem aparecer; em suas páginas vão se recolhendo fatos e reflexões e, pouco a pouco, vão eles introduzindo o gosto de tal gênero de trabalhos; breve, graças a eles, esperamos não mais ver médicos escrever em o *Jornal do Commercio*, etc. etc.; para ali irão com seus talentos cooperarem para a grande obra de nossa emancipação científica, e não mui longe divisamos o dia em que nos poderemos colocar a par da ilustrada França, da meditativa Alemanha e da prática Inglaterra. Oxalá não sejamos enganados em tão belas esperanças!

Tendo terminado o que podemos dizer acerca da matéria deste nosso terceiro ponto, mas mui longe estando de pensar ter esgotado o assunto, antes pelo contrário cônscios e confessando muito ter passado em silêncio, sem que de nenhuma sorte seja isso motivado por pouco valor que tenham outros escritos que não os de que acabamos de falar, passamos a fazer algumas considerações que, por estarmos profundamente convencidos da sua verdade, não podemos deixar de aqui expor.

Houve tempo em que o Brasil esteve isolado das demais nações; esse tempo felizmente já longe vai; já não existe no Brasil a escassez de meios de estudos que sucedeu a esse primeiro período da nossa existência. Debaixo de um governo sábio e amante do país, à sombra da árvore da liberdade que plantada assim entre nós, parece ir perfeitamente vigorando e dando frutos, o brasileiro mesmo sem sair de sua pátria pode cultivar as diversas ciências; já professores abalizados entre nós existem. O brasileiro não é privado dos dons da inteligência, e conquanto alguém o suponha pouco apto para as ciências em que a reflexão, em que a observação, fazem o primeiro papel, e sim somente para os trabalhos que demandam imaginação, o brasileiro, dizemos, é apto para cultivar a inteligência em tudo aquilo a que pode o homem se aplicar. De tempos a esta parte as ciências, e entre elas a de Hipócrates, têm tido muita aceitação entre

nós, têm sido cultivadas por grandes homens, e duas escolas anualmente deitam de seu seio jovens ávidos de saber, apaixonados pela sublime arte de curar.

Terminando este mais imperfeito escrito, aproveitamos a ocasião para agradecer ao Ilm.º Sr. Dr. Francisco Freire Alemão a benignidade com que se dignou aceitar a presidência desta nossa tese.

Referências bibliográficas

- ALMANAK *Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1854*. Organizado e redigido por Eduardo Laemmert. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, n. 11, p. 279, 1854.
- ALMANAK *Administrativo, Mercantil e Industrial da corte e província do Rio de Janeiro para o ano de 1856*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, n. 13, p. 332, 1856.
- ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 8, p. 2, 8 jan. 1852.
- ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 41, p. 2-4, 10 fev. 1852.
- ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 149, p. 3-4, 30 maio 1852.
- ANNUNCIOS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 354, p. 2-4, 24 dez. 1852.
- BERNARDO Jacintho da Veiga. In: BLAKE, S. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 1, p. 410-411.
- DUAS PALAVRAS sobre a varíola. Memória de Augusto José Pereira das Neves. *Annaes Brasilienses de Medicina: jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, t. XX, n. 9, p. 329-348, fev. 1869.
- EVARISTO Ferreira da Veiga. In: BLAKE, S. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. v. 2, p. 311-313.
- FERREIRA, L.O. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 331-351, 1999.
- FERREIRA, L.O.; MAIO, M.C.; AZEVEDO, N. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 475-491, 1997.
- FONSECA, M.R.F. da F. Guia de fontes para a história do ensino médico no Rio de Janeiro (1808-1907). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 126-130, 1995.
- FREITAS, R.C.; EDLER, F.C. A “realidade do saber e da habilidade que se inculca”: clima, médicos e saúde pública no Brasil, 1808-1835. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 9, p. 3409-3417, 2022.
- GAZETILHA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 48, n. 55, p. 1, 24 fev. 1868.
- GUIMARÃES, M.R.C.: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, 2005.
- JOÃO PEDRO da Veiga. In: DEZENA, G. *Árvore genealógica*. s.d. Disponível em: <http://www.desena.com.br/persons/person1685.html>. Acessado em: 14 fev. 2023.
- MOLINA, M.M. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 1.
- NOTÍCIA. Doutorado da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. *Annaes Brasilienses de Medicina: jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 80, dez. 1851.
- NOTICIARIO. *Diario do Rio de Janeiro: folha politica, litteraria e comercial*, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 26, p. 2, 31 jan. 1865.
- PIMENTA, T.S. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 1, p. 67-92, 2004.
- PUBLICAÇÃO A PEDIDO. Collegio de Instrução Elementar. Resultado dos exames. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 336, p. 2, 19 dez. 1843.
- SANTOS FILHO, L. de C. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- VEIGA, F.X. da. Dissertação acerca dos seguintes pontos. I. Será possível nas plantas phanerogamas em relação á

sua nutrição a ausência total de um dos dous aparelhos ou folhar ou radical? Que analogias podem elles ter entre si; qual o character distinctivo de suas respectivas funções e qual a relação e dependência entre ellas? II. Nas grangrenas por excesso ou por falta de acção as mesmas leis pathologicas presidirão á sua formação, e ás diversas phases porque tais moléstias passam? III. Ensaio da Bibliographia Medica do Rio de Janeiro posterior á criação da Escola de Medicina. Resenha das obras mais importantes de Medicina ou Cirurgia que se tem publicado nesta cidade ou tem sido dadas á luz em outras partes por Medicos ou Cirugiões seus. *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada em 4 de dezembro de 1851.* Por Francisco Xavier da Veiga. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

Recebido em fevereiro de 2023

Aceito em maio de 2023